DOSSIÊ

WEBFEMINISMO NEGRO: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA

BLACK WEBFEMINISM: RESISTANCE NARRATIVES

Célia Regina Silva[30]

Submissão: 29/08/2016 Revisão: 13/09/2016 Aceite: 13/09/2016

Resumo: Desde a segunda metade do século XX, os movimentos sociais e suas ações coletivas se qualificaram e se diversificaram em redes organizacionais que ultrapassam modelos tradicionais de narrativas. Este artigo apresenta teorias das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e sua intersecção com as questões de gênero e raça. A apropriação da tecnologia lhes confere papel de mediadoras sociais, contribuindo para a construção de modelos de visibilidade midiática. Galgados em expressões culturais, no mais das vezes, surgidos nas periferias, esses novos modelos perpassam experiências tecnológicas nos processos de representação, produzindo narrativas positivadas da negritude feminina, que conduzem a modelos novos de poética visuais enlaçadas pelo engajamento. O resultado dessas redes é que elas, através dos meios de comunicação, principalmente da internet, conseguem ultrapassar fronteiras locais, nacionais e internacionais, e são capazes de dar visibilidade ao tema do racismo, do sexismo, da educação, dos direitos humanos, ao respeito às diferenças.

Palavras-chave: Mulheres negras. Feminismo. TIC. Poéticas visuais. Identidade.

Abstract: Since the second half of the twentieth century, social movements and collective action have qualified and diversified in organizational networks that go beyond traditional models of narrative. This article presents theories of Information and Communication Technologies (ICT) and its intersection with gender and race issues. The appropriation of technology gives them social role of mediators, contributing to the construction of media visibility models. Successive level of cultural expressions on most often encountered in the peripheries, these new models pervade technological experiences in representation processes, producing positive narratives of blackness women, leading to new models of visual poetics ensnared by engagement. The result of these networks is that they, through the media, especially the Internet, can overcome local, national and international boundaries, and are able to give visibility to racism theme, sexism, education, human rights, respect the differences.

Keywords: Black women. Feminism. ICT. Visual poetics. Identity.

[30] Universidade Federal do Sul da Bahia. Contato: celregis@gmail.com.

Introdução

> Os novos significados da participação, empoderamento e cidadania demandam que trabalhemos nos princípios de inclusão das políticas com um viés consciente em prol de desfechos sociais equitativo onde prevaleça a justiça de gênero, além dos ganhos econômicos (Anita Gurumurthy).

Na Série Bastidores (1997), a artista visual, pesquisadora e educadora Rosana Paulino apresenta um conjunto de seis peças realizadas por xerox de fotografias transferidas para tecidos, emolduradas em suporte arredondado. São mulheres negras estampadas, amordaçadas, cegas, impedidas de ver, pensar, falar ou de gritar, que a artista expõe. Sua obra explicita a questão de gênero e da opressão: da falta de voz, da compreensão, do silenciamento, da (forçosa) resignação. A violência alinhavada nas formas e nos tecidos remontam a memória do corpo não pertencido, do corpo subjugado pela condição de escravização. Os gritos da autora ecoam estampados em outras bocas.

É seguro destacar que o apagamento, o silenciamento e a invisibilidade são resultado de estrutura patriarcal que, além de obliterar a presença das mulheres negras em diversos espaços de poder, funciona ainda como um alicerce para as desigualdades de gênero e de raça.

No campo do conhecimento, desde pesquisas acadêmicas, passando pela mídia, a participação das mulheres negras na luta e nos processos de resistência à opressão racial e de gênero não mereceu a atenção devida. Apresenta lacunas que não combinam com importância delas para a cultura, a religião, a economia e a força do trabalho na sociedade.

Por sua vez, desde a segunda metade do século XX, os movimentos sociais e suas ações coletivas se qualificaram e se diversificaram em redes organizacionais que ultrapassam modelos tradicionais de colaboração e de luta política. Neste sentido, o campo comunicacional emerge como espaço de voz, de expressão e de aparecimento. Tem como fio condutor a produção da palavra mediada pela cultura tecnológica na sociedade em rede, o que tem contribuído

para mudanças significativas para a visibilidade de mulheres negras na esfera pública midiática.

Neste ensaio, tenho o objetivo de refletir sobre a participação social de mulheres jovens negras na internet, da ascensão do feminismo negro, impulsionado pelas redes sociais. Para este fim, utilizo-me da experimentação de conexões entre os estudos das TIC e as teorias das relações de gênero.

(ON) palavras públicas

> Fomos socializadas para respeitar mais ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando (Audre Geraldine Lorde).

Na história recente do Brasil observa-se a ascensão de grupos e segmentos sociais que por intermédio da mobilização e luta buscam a prática e o exercício da cidadania e dos direitos humanos. Dessa forma, nos últimos trinta surgem várias organizações sociais, coletivos e associações que trabalham com mulheres negras, indígenas e quilombolas. Esse movimento resulta de processo iniciado nos primeiros anos do século XX, tendo como aporte a articulação política. Para fins deste texto, centrarei no campo comunicacional, como lócus destes modelos recentes e engajados de participação e de reivindicação politica.

Em tese, as contribuições das mulheres e grupos minoritários costumam ficar à margem do modelo cultural hegemônico, nacional no país; não costumam ser vistas como representantes da cultura nacional. Panorama que vem apresentando mudanças, sobretudo com a chegada de alternativas tecnológicas que contrapõem a cultura hegemônica e enfatiza a cultura produzida no ambiente popular, opinião defendida por Anita Gurumurthy: "[...] dar acesso significa permitir a apropriação através de processos que (re)posicionam mulheres e outros grupos marginalizados, antes "usuários"

passivos, agora co-criadores ativos da tecnologia, criando para ela novos significados e u*sos*" (2008, p 3).

Os conteúdos midiáticos produzidos por grupos comunitários estão revelando olhares "de dentro" das realidades, mais próximas de seus contextos, de seus interesses, abrindo, talvez, com isso, um canal maior de diálogos e interação entre as juventudes das periferias dos centros urbanos. Desse modo, deve-se ressaltar que a interação comunitária com outros setores da área cultural, acadêmica e comunitária é importante para a valorização da diversidade cultural e regional do país. Para que o audiovisual funcione como um agente mobilizador eficaz na inserção social desses jovens, faz-se necessário tanto o domínio de práticas discursivas como maior interlocução externa com outros setores de produção e circulação de produtos midiáticos. Equipamentos tecnológicos não funcionam sozinhos, necessitam de sujeitos capacitados, de formação crítica, se almejamos transformações de fato.

Entende-se, portanto, a necessidade de valorização dos aspectos afirmativos das trajetórias pessoais e coletivas, assim como, projetos que priorizem o desenvolvimento de saberes, de conhecimento e, sobretudo, de reflexão crítica que transita na interseção, subjetividade e objetividade, contemplando a riqueza sociocultural das periferias urbanas. Nesta perspectiva, viso à compreensão das práticas aglutinadoras que contribuem para a realização de dinâmicas organizativas e identitárias nos movimentos comunitários e sociais, entendendo, pois, da importância das expressões culturais como pilar valorativo na constituição de movimentos sociais juvenis.

Sexismo e racismo na midia

A população negra feminina gira em torno de 25% da população brasileira, um total de 78 milhões de mulheres, segundo o Censo Demográfico de 1991(QUINTÃO,2004, p.55). São elas também que compõem a base da pirâmide econômica da sociedade, ou seja, estão inseridas nos piores patamares

econômicos e sociais. Em uma sociedade como a brasileira, nascer mulher, negra e pobre significa fazer parte de um quadro de tríplice discriminação (idem, 2004, p.47), já que o sexismo, o racismo e hierarquização de classes são fatores que, em consonância, são preponderantes na manutenção de assimetrias raciais e de gênero. Ou seja, são elementos responsáveis pela continuidade deste grupo social na base da pirâmide econômica brasileira, pois impedem o acesso das mulheres as condições elementares para o exercício da cidadania e do usufruto de seus direitos sociais.

Deve-se ressaltar que nas décadas de 1960, 1970 e 1980, as mulheres negras no Brasil tiveram papel fundamental na elaboração da ultima Constituição em 1988, com propostas e intervenções incisivas para o combate da discriminação no mercado de trabalho, na saúde e na educação. O número de mulheres em situação de desvantagem social como Edna é muito grande no Brasil, inserindo-as no fenômeno conhecido como "feminização da pobreza", reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), que recomenda "a integração da mulher nos planos de desenvolvimento econômico", como forma de combater a situação.

A *interseccionalidade* é um conceito disponibilizado para análises ao longo do processo de preparação da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (ONU, 2001). Elaborado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 80, do século XX, é uma ferramenta de análise que possibilita o entendimento sobre as conexões entre gênero e raça como fatores de subordinação. A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação.

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados à suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem, nacionalidade e orientação sexual, são

‘diferenças que fazem diferença ‘ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivas de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres (Crenshaw, 2002, p. 173).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

A idéia de visibilidade, de ver e de ser vista, está intrinsecamente ligada ao aparecimento na midia. Pode-se constatar a ocorrência deste fenômeno, sobretudo, em paises em que a midia televisiva tem um alto poder de penetração coletiva, como é o caso brasileiro. Por isso, na atualidade os acontecimentos que necessitam da presença de organismos estatais, de pronto são lembradas as emissoras de tevês como interlocutores entre o poder público e indivíduos. O descrédito da população parece ter como causa os seguidos casos de corrupção envolvendo politicos das mais variadas esferas de poder.

O não - reconhecimento e a ausência compõem a forma de representação social recorrente sobre mulheres negras na mídia brasileira. Neste sentido, o que se apresenta é injusta representação, gerando como consequência sentimentos de inferioridade cultural e identitário, além de disseminar sentimentos de não-pertencimento cultural.

Feminas webcolors

Em contraposição a esse modelo de negação cultural nos meios de comunicação hegemônica, vemos surgir na internet modelos diferenciados de produção audiovisual, realizados por diferentes grupos minoritários, historicamente excluídos das posições de poder. Essas produções colocam em evidencia um tipo de deslocamento discursivo de atores e de conteúdos, funcionando como elo de resistência a um modelo hegemônico e ideológico, que costuma desprezar a produção de conhecimento realizada por esses atores.

Trata-se de espaço de construção da auto-escrita,aberto, onde os leitores ajudam na sua composição. Estas novas ferramentas da comunicação mediada por computador mudaram a forma de propagação de informações na sociedade, pela rapidez e interação.

Blogs voltados para a visibilidade das questões femininas negras. Iniciativas como Blogueiras Negras; Eu, mulher preta; Blog da Cidinha, para citar alguns, onde pode-se perceber a presença de imagética negra. Um tipo de discurso visual que privilegia representações positivas de mulheres e homens, contribuindo para reafirmar modelos afirmativos com enfoque no exercício do olhar, na promoção e valorização da estética negra. Os temas abordados tratam de questões relativas à arte, ao gênero, ao amor, à saúde, à literatura, à poesia, aos direitos sociais.

Neste sentido, a(re) interpretação de discursos demanda o envolvimento e a proximidade semântica, subjetiva e local. São textos produtores de outros discursos, possibilitando que outras vozes sejam ouvidas, na multiplicidade que marca o fazer coletivo. Neste ponto nos referimos à feitura de cartilha, livros e letras de música.

A existência deste diálogo requer o deslocamento e a disposição cognitiva, ao suscitar aprendizado constante, que retro - alimenta a engrenagem da troca de saberes e de conhecimento. A produção e a recepção de discurso requerem necessariamente a leitura em linhas e entrelinhas, não apenas de

significados, como também de maneiras e modos de dizer, mostrar e seduzir. Pois são estes os lugares onde foram construídas narrativas, que pretendem dar conta, esmiuçar, fatos e acontecimentos do mundo, se configurando, assim, a eficiência comunicativa.

A presença das mulheres negras jovens na internet faz parte de um fenômeno social e cultural que é o uso da palavra por parte de grupos minoritários, historicamente excluídos da produção de bens simbólicos e de consumo. A participação na esfera de produção intelectual contribui para o reconhecimento das identidades, haja vista que no "ciberespaço, as proximidades não desaparecem, elas são redefinidas como uma classe importante de proximidades semânticas, ao mesmo título que a língua, a disciplina, a orientação política, sexual" (Levy, 2010, p.105).

O protagonismo discursivo de vozes, até bem pouco tempo silenciadas, tem como marca principal a diversidade e a pluralidade de olhares e sentidos. Destarte pode ser considerado com um dos caminhos para o exercício da equidade e da cidadania digitais, se relacionados com projetos educativos mais abrangentes. A questão que se coloca, tem como viés a educação. Como faremos para alocar as vozes de mulheres jovens negras da esfera pública de visibilidade midiática para a esfera pública tradicional? Em que medida a visibilidade alcançada nas redes digitais podem se configurar como aportes para a inserção delas nos estratos de decisão e poder?

Palavras finais

O surgimento de espaço alternativo virtual pode se contrapor à falta de aparecimento revelado em espaços midiáticos tradicionais, onde as mulheres negras e/ou mestiças não aparecem (invisibilidade) ou aparecem (visibilidade excludente) por meio de estereótipos e estigmas. O que pode culminar com a produção de outros discursos propagados no meio digital, fazendo surgir formas novas e igualitárias de distribuição dos saberes e do conhecimento. De

forma que as mulheres possam ter participação efetiva no combate às desigualdades étnicas, de gênero e de classe.

A emergência de processos de efetivação democrática demanda mobilização da sociedade civil, que, juntamente com esferas estatais e privadas podem caminhar para a valorização da diversidade cultural. Uma cyberdemocracia com atuação direta na inter-relação entre o Estado e a sociedade civil, por intermédio de ações culturais, comunicação e tecnologia. O que pode refletir em outros campos importantes da sociedade. Estas alternativas de busca de informação, de conhecimento e, sobretudo, de se fazer, ver e ouvir são revolucionárias e essenciais na conquista da liberdade democrática. Esses novos modelos de participação, galgados na cultura da virtualidade, se apresentam como alicerces para outros modelos de reivindicação e participação política, modelados pelas TIC.

Desse modo, o estudo das TIC revela vinculação amalgâmica junto aos processos educativos. Participar da sociedade da informação é considerado um direito de todas as pessoas. No entanto, sabe-se que em países do sul global isso ainda não é feito de forma equânime. Para a diminuição desta brecha digital é notório o papel da escola. A velocidade das transformações técnicas não está sendo acompanhada pelas instituições educativas, pelos governos (políticas públicas), pelas universidades, por carecerem ainda de proposta cujo mote seja a reflexão sobre as assimetrias surgidas com a exclusão digital de mulheres negras e/ou mestiças.

Por fim, entendemos que as TIC têm papel preponderante, fundamental, na luta contra as desigualdades de gênero, tecnológicas e sociais. No entanto, como outros mecanismos de resistência política, precisa estar conjugado à educação, à mobilização e ao engajamento. Tais transformações cognitivas, culturais e sociais exigem o descentramento de poderes e, de saberes coloniais, sistematicamente galgados no patriarcalismo e na ausência feminina dos espaços de poder. Para tanto, se faz necessário que o conhecimento e a

tecnologia estejam, literalmente, disponíveis nas mãos das mulheres negras. Haja vista que pautas sobre temáticas de gênero, raça e classe emergiram em discursos renovados, apoiados pelas TIC e, fundamentalmente, pela chegada à universidade, por meio das políticas de ação afirmativa, e de bolsas como o PROUNI e FIES. São novos tempos, de frescor, de renovação a espaço acadêmico, tradicionalmente, ocupado pela classe média branca. Outra juventude se mescla, dando colorido, que configura a diversidade não apenas de corpos, de tons da pele, mas, sobretudo de saberes. Não se trata apenas de "poder falar" e, sim, de falar com criticidade. O que estão fazendo. Voz importa e muito!!!

Referências

Crenshaw, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas,** v.10, n.1, p. 171-188, 2002

Gomes, Nilma L. **Mulheres Negras e Educação**: trajetórias de vida, histórias de luta. Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net> Acesso em 25/07/2016

Gonzalez, Lélia & Hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

Gurumurthy, Anita. **Igualdade de gênero através do acesso às TICs e da sua apropriação**. 2008. Disponível em: <http://www.politics.org.br/edicao_01. Acesso em 25/07/2016.

Hall, Stuart. **Da diáspora.** (Org.). Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

Hanchard, Michael. Cinderela negra: raça e esfera pública no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n.30, p.41-59, 1996.

Hollanda, Heloísa Buarque. **A Nova Expressão das Mulheres da Periferia.** Disponível em: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=742&cat=0 Acesso em 25/07/2016.

_____. Heloísa Buarque. A Política do Hip Hop nas Favelas Brasileiras. **Le Monde Diplomatique**. Brasil. São Paulo, p.7, 2008.

Hooks, Bell. **Feminismis for everybody: passionate politics**. **South End Press.** Cambrigde: Pluto Press, 2000.

La Caze, Marguerite. Se Você Está Dizendo: Filosofia Feminista e Anti-Racismo. In: Levine, M. P & Pataki, T. (orgs.). **Racismo em Mente.** São Paulo: Madras Editora, 2005.

Lemos, Andre & Levy, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma cyber democracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

Munanga, Kabengele**. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.** Disponível em_www.educacaonacional.com.br. Acesso em 25/07/2016.

Quintão, A. A**.** A Imagem das Mulheres Negras na Televisão Brasileira. In. **Espelho Infiel: o negro no jornalismo brasileiro.** Flávio Carranca e Rosane da Silva Borges (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

Roland, Edna. O. Movimento das Mulheres Negras Brasileiras In:Huntley, Lynn; Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo (Orgs.). **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
Spivak, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

Werneck, Jurema. De Ialodês e Feministas. Reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe. In: **A Intersecção das desigualdades de raça e gênero**. **Implicações para as políticas públicas e os direitos humanos.** Consulado geral dos EUA-RJ, 2002.